JN

MÉDIA DIÁRIA DA TIRAGEM NO MÊS DE ABRIL: 74 146

ÚLTIMA PÁGINA

Propriedade da Empresa do «Jornal de Notícias» — Redacção, Administração e Oficinas na Rua de Gonçalo Cristóvão, 195-219, e delegação na Rua de Passos Manuel, 23-25 — Tel. 381331 (PPC 10 linhas), Telexes 22226 e 22122, End. Teleg. NOTICIAS PORTO; Filiais em LISBOA (R. da Misericórdia, 17-1.º-Esq.º — Tel. 322269, Telex 12768); BRAGA (Largo do Barão de S. Martinho — Tel. 22566, Telex 32106); COIMBRA (Av. Fernão de Magalhães, 240-1.º — Tel. 23238, Telex 13246); VIANA DO CASTELO (Av. dos Combatentes, 260 — Tel. 22767, Telex 22293); AVEIRO (Av. Dr. Lourenço Peixinho, 54-2.º — Tel. 26006, Telex 23306); VILA REAL (Av. Carvalho Araújo, 33-2.º, s/D — Tel. 24112, ANADIA (L.go Município, 12-1.º/D — Tel. 52489) e VISEU (Rua João Mendes, 72 — Tel. 24062, Telex 15752)

CÓDIGOS POSTAIS: 4052 PORTO Codex; 1200 LISBOA; 4700 BRAGA; 3000 COIMBRA; 4900 VIANA DO CASTELO; 3800 AVEIRO; 5000 VILA REAL; 3780 ANADIA; 3500 VISEU

395 Ser cidadão

A «GAZETA DO MÊS» E A CRISE DA ESQUERDA

Por NUNO TEIXEIRA NEVES

«Os filhos da madrugada — escreve Fernando Belo no primeiro número da nova publicação **Gazeta do Mês**, dirigida por João Martins Pereira — descobrimo-nos filhos do capitalismo, à tona das suas vagas». Quer ele dizer que aqueles que formaram o seu espírito durante os quinze anos que vão da revolução cubana à revolução portuguesa, passando pela revolução cultural chinesa e pelo Maio Parisiense de 68, acabaram por verificar, após o fracasso de 1975 em Portugal, que estavam de novo metidos nos «pântanos de águas estagnadas».

O artigo de Fernando Belo — «A nova aventura» — é uma peça exemplar que, com muito do que vem sendo dito em **Raiz e Utopia** e algo do que, assinado por estrangeiros, se disse na efémera revista **Abril**, constitui o que de melhor, mais lúcido e mais proveitoso se pode hoje adiantar em Portugal perante os fracassos da esquerda e as cinzentas e inquietantes vitórias da direita, perante a situação que ele indica de um país, o nosso, em que «a esquerda não manifesta capacidades, nem teóricas nem práticas, de propor um projecto aliciante de **mudança**». Mudança só possível no mundo exterior se a aceitarmos em nós, como metamorfose — é o pensamento de Fernando Belo que a isso chama um movimento, um propósito que vai «da cabeça para o corpo» e é «combate à ideologia que nos pariu, é mudar de perspectivas, não ao nível das ideias mas do imaginário, do desejo, da acção». É, tal metamorfose, «mudar o olhar sobre o real como condição de mudar o real». Sendo o real «o nosso corpo preso na rede social, mais as questões que os seus desejos lhe põem».

Mudança, metamorfose que será ainda «na carne da gente, nos gestos, nos gostos, nas imaginações». Será a defesa do ambiente, a libertação da mulher, a acção sobre o quotidiano, não para o futuro mas «tentando já outra coisa, com os poucos meios que temos à disposição, com as nossas próprias forças». Será o «imaginar outras possibilidades, ajudando-nos uns aos outros, arriscando em grupos», será o «aprender a criar com gosto, o descobrir o amor e o erotismo, o reinventar a culinária, o vestir, a disposição das coisas, o gosto dos objectos, a busca duma estética do quotidiano, uma espécie de dança caseira, o melhorar a qualidade das relações com os amigos, o criar de redes comunitárias para trocar produtos, ideias, informações, o enterrar o Descartes que nos impingiram, o perceber que não é só a razão e a vontade que fazem o homem, mas também os instintos, as inspirações, os imaginários, aquilo que nos vem à cabeça».

Esta longa enumeração de objectivos vários, alguns deles postos mesmo no plural, lembra-me a observação feita por Eduardo Prado Coelho no diálogo dele e outros com Garaudy e que vem transcrita na última **Raiz e Utopia**: «Falta-nos uma ideia suficientemente precisa de mudança global da sociedade», para logo em seguida explicar essa falta pelo «medo que todos sentimos de toda a ideia totalizante, de toda a solução global que possa sugerir de perto ou de longe uma solução totalitária».

Julgo que este é, de facto, o grande problema das futuras mudanças: o de uma unidade de todos estes e outros objectivos que não force demasiado o seu mútuo ajustamento, permitindo-lhes discordâncias, contradições, o de uma unidade constantemente a problematizar-se, a fazer-se e desfazer-se, tanto no acto subjectivo da sua apreensão e recriação, como na prática objectiva das relações sociais por ela (portanto em parte) reguladas.

Ora eu julgo que este objectivo global não me parece compatível com um tão grande investimento político como o que se nos torna evidente nos textos reunidos, inclusive o de Fernando Belo, neste primeiro número da **Gazeta do Mês**. Os objectivos culturais não são apenas acrescentos, mesmo postos em primeiro plano, a um anterior projecto político-socio-económico, mas algo que implica uma rotura subjectiva com ele, muitas vezes posta em evidência pela rotura objectiva estabelecida por quanto, à direita ou à esquerda (quer dizer: a Oeste ou a Leste) leva ao fracasso do essencial daquele objectivo político-socio-económico.

Quer isto dizer que se Fernando Belo tem alguma razão contra a jornalista (Helena Vaz da Silva?) ao esta afirmar que «direita e esquerda estão ultrapassadas pela ecologia», a verdade é que a dinâmica interna da esquerda não lhe permite integrar tudo o que na ecologia nos interessará cada vez mais, nem a dinâmica interna da ecologia a dispensa de uma certa contradição com as lógicas da esquerda, havendo, de um lado e outro, que fazer opções «injustas», irredutíveis a uma globalidade harmónica de objectivos. Assim como há 150 anos o socialismo recuperava valores e forças (populares) da antiga sociedade, destruídos pelo liberalismo burguês, a ecologia hoje recupera contra o socialismo (entretanto menos utópico e mais «científico», mais herdeiro daquele liberalismo) esses mesmos e outros valores e forças, antes à guarda de movimentos de direita. Que tinham, portanto, também a sua verdade, a sua humanidade (mal acompanhadas embora)...

E se, como escreve Fernando Belo, «o inimigo principal da ecologia é o capitalismo das multinacionais, do gigantismo industrial, burocrático, mega-urbano», temos que entender estas expressões como incluindo não só os aspectos económico-sociais do capitalismo mas os seus aspectos socio-culturais, presentes também e alguns sobretudo onde politicamente vingou o que possível duma revolução anticapitalista.

Tudo, **objectivamente**, estando nisto: qual a extensão da palavra **capitalismo?** Apenas o capitalismo como orgânica social e económica presidida por uma certa classe social, mesmo com suas metamorfoses tecnocrática e (por que não?) burocrática, ou toda uma civilização (burguesa) assente na competição, na objectivação-subjectivação, na rentabilidade, na cisão entre o utilitário e o estético, entre o aparente e o real? A importância do político nas suas relações com o cultural varia de um caso para o outro. No primeiro caso, há que preencher, como o diz João Martins Pereira num dos seus textos deste primeiro número de **Gazeta do Mês**, o espaço duma «esquerda sem aspas», no segundo, há que, julgo eu, aceitar uma certa perda, um certo fracasso, no espaço político, e pôr o problema, para além da rotura, no campo cultural, como campo, mais que autónomo, independente — embora interligado, porque tudo se interliga, a interligação sendo um dos jogos das potências, dos elementos, deste mundo.

E **subjectivamente?** Volto à referência inicial: «Os filhos da madrugada descobrimo-nos filhos do capitalismo». Eis, aqui, nesta inocente frase, o sinal do que deveria ultrapassar-se. Ou seja: o mal é esta auto-imposição para se inscrever alguém **num só campo**, como filho dele. O investimento cem por cento num só plano, o de uma política que engloba em si tudo o mais ou se engloba com ele numa unicidade, plástica e compreensiva embora. A infelicidade de quem, tomando-se como «filho da madrugada», não sabe reencontrar a alegria na hora declinante do sol. O mal é este não distanciamento relativamente à madrugada, que, assim exclusiva, no afecto, não indica plena abertura ao imaginário, que tem símbolos (mediações) tanto para o dia como para a noite. O mal é este tratamento familiar do capitalismo como pai, mau pai, o que leva à perda de humor, à rigidez do complexo edipiano, à fixação de uma dramática de prisioneiro — e como se pode tirar a liberdade de uma prisão? O mal é este reducionismo materialista que dita o suicídio permanente, mesmo invisível, da gente da esquerda, o seu permanente desespero, incapaz de se elevar acima da sua revolta moral ou acima da submissão totalitária ou acima do optimismo facil social-democrata. De jogar com e em **um outro campo**, mas autónomo — esse sim o do imaginário, o da palavra, o da cultura.

PINTURA DE SOFRIMENTO

Por AURORA JARDIM

Veio para a *casa de repouso* a fim de reaver a força e o sossego reconstituinte com que tanto a doença como diversos desportos o haviam ferido.

Quando de manhã a enfermeira subiu a persiana ficou admirado por ver na sua frente uma espécie de floresta densa e não silenciosa.

Era apenas um vasto jardim pseudo-mal tratado em mataga, género euro-africano que o encantou. E dentro da cidade com tal exotismo.

Rubras frutas amarelas e carmesins que talvez fossem cachos de flores miudinhas, áridos troncos que parecia serem de agressivos cipós, um cone vermelho arroxeado que desafiava as nuvens e miríades de flores e borboletas que, para além, à distância em que a rua os separava, ele não conseguia miudamente distinguir.

Logo a sua efervescência de pintor se lhe apossou do ser.

Picotados pelo vento insectos de patas para o ar estavam ferozmente escorpiados. Mas logo ali ao lado, com transparências de chuva, escarlates cardos fugiam para o sol.

A morte que quase o derrubara e a esperança que desejava renascer.

Fatigado como um colar de aflições e que só almejara por morrer, o pintor procurava agora não o real mas a semilus, o halo da tragédia, o contorno do sofrimento que o sangrara, a quase tragédia final, a nublada recordação dolorosa, o sofrimento...

Tanta verdura estonteava-o, por isso lhe saíam da negra paleta com vibrátil crueza os rubis, as turquesas, os ónix, as esmeraldas que lhe coroavam os pincéis.

Não quis reproduzir bem o que via — mas fazer a revibração de tanta dor por que passara.

Semicerrava os olhos e quanta lágrima ficou a cintilar na tela!

No dia em que foi inaugurada a exposição não apareceu.

Mas até tarde na noite o telefone reclamou: todos queriam o quadro da dor e do sol, do estorninho e do colibri, da libélula que não era flor — mas era, decerto, dolorida lágrima saudosa inundando um coração que não queria mais sofrer e desesperadamente se agarrava a um pico de roseira!...